

Dolores Redondo À espera de um dilúvio



 Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Dolores Redondo À espera de um dilúvio



Planeta

Tradução
Ana Maria Pinto da Silva



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Dolores Redondo Meira, 2014
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2023
Copyright da tradução © Ana Maria Pinto da Silva, 2022
Publicado em acordo com Pontas Literary & Film Agency.
Título original: *Esperando al diluvio*
Todos os direitos reservados.

Preparação: Ligia Alves
Revisão: Bárbara Parente e Caroline Silva
Projeto gráfico e diagramação: Márcia Matos
Adaptação de capa: Emily Macedo
Imagem de capa: Magdalena Russocka/Trevillion Images

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Redondo, Dolores
À espera de um dilúvio / Dolores Redondo. - São Paulo: Planeta
do Brasil, 2023.
496 p.

ISBN 978-85-422-2338-5
Título original: *Esperando al diluvio*

1. Ficção espanhola I. Título

23-4346

CDD 860

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção espanhola

Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

Editora Planeta  **20**
Brasil ANOS

Acreditamos nos livros

Este livro foi composto em Freight Text Pro
e impresso pela Geográfica para a Editora
Planeta do Brasil em agosto de 2023.

2023
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Bela Cintra, 986 – 4º andar
Consolação – 01415-002 – São Paulo-SP
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

PROIBIDO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

O garoto

Harmony Cottage

O garoto parou no batente da porta. Tremeu ao sentir o intenso frio do exterior. Passeou o olhar pela superfície tranquila das águas do lago, que brilhavam sob a luz da lua cheia, e, depois, dirigiu-o para o céu. O choro incipiente obscureceu sua visão. Não queria fazer isso. Queria voltar para dentro, para junto do aquecimento, queria ler uma história e adormecer ali. Quando adormecia no chão diante do fogo, ninguém se incomodava em levá-lo para a cama, e desse modo ele podia descansar.

Lá de dentro chegaram até ele as vozes urgentes e exigentes.

— Feche a porta de uma vez por todas e faça o seu trabalho, pequeno Johnny, se não quiser que eu vá aí e te dê uma surra.

Ele se agarrou à porta atrás de si a fim de parar de ouvi-las. Fechou os olhos e duas grossas lágrimas deslizaram pela sua pele, que já começava a perder o calor. Com a mão livre, afastou-as do rosto quase com fúria. Chorar não adiantava nada. Estava sempre repetindo a mesma coisa, mas, cada vez que tinha que fazer, o choro surgia de novo. Avançou carregando o pesado balde de madeira na direção de uma das laterais da casa. Havia ali um pequeno tanque de pedra debaixo do bico de uma torneira antiga. Pendia de um cano meio solto que descia pela parede da casa desde a colina. Apoiada na parede havia uma velha tábua de lavar roupa, uma escova de madeira de cerdas duras e uma lata que continha o sabão de soda que elas fabricavam com os restos da banha de cozinhar. Ele pousou o balde no chão e teve que usar as duas mãos para abrir a torneira enferrujada. Ainda era possível fazê-lo ali, e, à medida que o inverno avançasse e as temperaturas fossem baixando, a quantidade de água que brotava da bica se tornaria mais

escassa, até acabar congelando. Então ele teria que se deslocar até a beira do lago, e seria ainda pior.

O tanque era fundo. Mesmo que ficasse nas pontas dos pés, não conseguia tocar o fundo com o braço esticado. Quando era menor, de vez em quando e durante o verão, tinham dado banho nele ali. Às vezes pensava que, se alguém com problemas de locomoção, como a tia Emily, que tivera poliomielite na infância, caísse de cabeça no tanque, era provável que morresse. Imaginá-la esperneando enquanto se afogava lhe deu uma pequena satisfação.

Quando conseguiu abrir a torneira no máximo, deixou que a água corresse com abundância, batendo no fundo da pedra do tanque. Arregaçou as mangas da camiseta muito acima dos cotovelos, assegurando-se de que tinham ficado bem presas. Pegou a tábua, tão usada que as pequenas saliências arredondadas destinadas a esfregar a roupa estavam furadas e quase niveladas com o restante da madeira. Encostou-a na beirada.

Inclinou-se sobre o balde e afastou a tampa. O cheiro era enjoativo e ainda não havia tocado nele. Ele sabia que, assim que comesse a mexer em seu conteúdo, o fedor impregnaria suas narinas, infiltrando-se em sua boca e se colando ao céu da boca, onde permaneceria durante horas. Fizesse o que fizesse, não seria capaz de tirá-lo dos dentes, da língua, e cada golfada de ar levaria agarrada aquela pestilência. Um novo ataque de choro sacudiu o garoto, agitando seu corpo franzino, e ele foi obrigado a se agarrar ao tanque, dominado pela náusea. Tossiu e sentiu os olhos ardendo ao mesmo tempo que um riso convulso de sofrimento curvava sua boca como a de um palhaço triste.

Olhou para a parede lateral da casa, certo de que ninguém viria. Era indiferente quanto tempo demorasse para realizar essa tarefa, uma hora ou cinco. A única coisa que sabia com certeza era que não podia voltar para dentro de casa sem ter terminado. Tentando manter o rosto o mais afastado possível do balde, voltou a inclinar-se e, às cegas, enfiou a mão lá dentro até roçar no pano, depois o puxou e de imediato uma baforada podre espalhou-se ao redor. Mas o pior era tocar naquilo. Estava ligeiramente morno. Sempre estava, tanto fazia que o tivessem mantido no parapeito ou num canto do banheiro, onde a janela arrancada do caixilho permanecia sempre aberta.

Estava apodrecendo. Ele era um rapaz do campo, sabia o que acontecia quando alguma coisa apodrecia. Sem olhar, jogou-o em cima da tábua e deixou que o jato de água corresse arrancando da superfície os coágulos pretos e por vezes tão grossos que pareciam pequenas criaturas em decomposição. Com as pontas dos dedos, pegou um pouco de sabão de soda e a escova de madeira e, já completamente arrebatado pelo choro e pelas náuseas, começou a limpar o sangue.



John Bíblia

Glasgow, 1983

John se demorou de propósito diante do grande espelho que ficava perto dos lavabos. Enquanto fingia ajeitar a roupa, observou a mulher através do reflexo.

Havia muitos homens na discoteca naquela noite, mas isso não o preocupava: deixá-la sozinha no balcão depois de tê-la convidado para beber alguma coisa era um risco calculado. Enquanto puxava com suavidade os punhos da camisa, viu a jovem recusar a companhia de dois sujeitos que se aproximaram dela e dirigir um olhar esperançoso na direção da área dos banheiros. Estava esperando por ele.

Ele tinha consciência de que ela também podia vê-lo, pelo menos parcialmente, por isso de vez em quando se virava um pouco para a direita como se estivesse falando ou escutando o que alguém, invisível para ela, lhe dizia.

Ela havia contado que se chamava Marie, e até podia ser verdade, em lugares como aquele nunca se sabia; em diversas ocasiões havia descoberto mais tarde, pela imprensa, que o nome que lhe tinham dado não era o verdadeiro.

No seu caso, sempre que lhe perguntavam o nome, respondia:

— John. Meu nome é John.

E o pronunciava com segurança e com a voz um pouco mais alta que o normal. Não fazia grande questão de sublinhá-lo ou de se destacar, por isso, se por acaso alguém se lembrasse do nome do homem com quem a moça tinha saído, talvez um garçom ou algum dos casais que se sentavam mais perto deles, diria:

— Creio que ouvi o sujeito dizer que se chamava John, sim, tenho certeza, ele disse que se chamava John.

Gostava de imaginar a cara dos policiais ao ouvir o nome. Era uma travessura e mais um risco calculado, mas não se expunha muito além disso. Esforçava-se para que tudo o que pudessem se lembrar dele não servisse para nada.

Confirmou no espelho sua aparência. Os sapatos limpos, o jeans passado a ferro, o blazer azul-marinho e a camisa branca. O cabelo castanho apresentava matizes arruivados conforme a luz incidia sobre ele, e o usava penteado com um corte simples. Asseado. Adorava aquela palavra. *Asseado*. Era assim que o haviam descrito anos antes as poucas testemunhas que se recordavam dele: um jovem alto, magro, cabelo castanho, aspecto asseado, nada mais... Bom, sim, talvez tenham mencionado um ou outro dente torto. Uma bobagem que já havia corrigido fazia algum tempo.

Forçou um sorriso na frente do espelho e observou satisfeito seus dentes brancos e alinhados. Com dedos hábeis, retirou um grão invisível de pó da ombreira do casaco e, através do reflexo, voltou a se concentrar na jovem.

John tinha uma estratégia sagaz e discreta que consistia em se posicionar em algum lugar do balcão perto da entrada do local. Foi assim que a viu. Ela chegou com duas amigas que faziam parte do grupo que acabava de descer do ônibus. Observou a maneira como caminhava. Por experiência própria, sabia que as moças tinham um jeito diferente de se movimentar “naqueles dias”. Ela usava uma calça escura e escolhera uma blusa comprida e folgada que cobria seu quadril, o que contrastava com as amigas, que vestiam top e minissaia. John era um grande observador do mundo feminino e sabia que muitas vezes os grupos de amigas costumavam se vestir de modo semelhante. Contudo, a roupa não era o único indício. Ele a seguiu a distância, misturando-se no meio das pessoas que abarrotavam o local. Viu quando ela foi dançar com as outras garotas, embora depois de um tempo tenha abandonado a pista e ficado perto de uma coluna bebendo Coca-Cola e sorrindo para as amigas, que continuavam a dançar.

A escuridão e o ambiente barulhento da discoteca permitiram que John se postasse atrás dela de modo a poder sentir seu cheiro enquanto fingia observar a pista. Aspirou seu aroma. Notou o suave suor de suas axilas, misturado com uma água-de-colônia de notas adocicadas que parecia estar na moda entre as garotas, e aquele outro odor, metálico, salobro e ácido. Fran-

ziu um pouco o lábio superior sem conseguir conter um esgar de asco. E quase simultaneamente sentiu a ereção retesar seu membro sob o tecido do jeans.

Sem nunca perdê-la de vista, afastou-se alguns passos e enfiou a mão direita no bolso do casaco. Com as pontas dos dedos, acariciou o cetim da fita vermelha que tinha guardado ali. Pensou em Lucy e, repreendendo-se, mordeu a parte interior da bochecha até que a dor anulou a outra sensação, recuperando depois a compostura.

Depois foi fácil, sempre era. A fórmula funcionava perfeitamente havia anos, com ligeiras alterações. Ele iria parar ao lado dela e começaria a falar, diria que também não gostava de dançar e que estava pensando em beber alguma coisa, ela gostaria de acompanhá-lo? Ela olharia para ele e veria o que todos viam: um homem jovem, mas não um garoto. Limpo, bem-vestido ainda que sem ostentação, educado, amável. Asseado. E que reparara, com toda a probabilidade, na única garota que usava calça e uma blusa larga em toda a discoteca.

Ele falaria sobre qualquer coisa, evitando assuntos conflituosos. Faria alguns elogios nada exagerados e deixaria escapar que tinha emprego, que na realidade não gostava muito de lugares como esse, que o que adorava fazer era conversar, coisa que, com aquela barulheira, era quase impossível, que seu carro estava no estacionamento e que podiam ir para onde ela quisesse. E iria acrescentar rapidamente, antes que ela tivesse tempo de se opor ao que quer que fosse, que, como é óbvio, ficaria muito feliz em levá-la para casa se fosse isso que ela quisesse. E a garota aceitaria porque ele era encantador, porque ela havia chegado ali de ônibus, porque todas queriam um namorado com carro próprio. Aceitaria, apesar de nos jornais se falar a toda hora e a todo instante da quantidade de jovens que haviam desaparecido e embora, com toda a certeza, tivesse escutado milhares de vezes os avisos para não entrar em carros de desconhecidos. John sabia o que ela responderia quando ele propusesse, apesar de tudo e embora não devesse fazê-lo “naqueles dias”. Era até provável que a grande vadia aceitasse ter relações sexuais quando ele insinuasse isso. Então ele iria espancá-la com fúria, com violência, eliminando a cada pancada a maquiagem e o sorriso. Arrancaria sua roupa e a rasgaria, e, com suas próprias meias, o cinto

ou o sutiã, iria estrangulá-la até que parasse de gritar enquanto a estuprava. E depois iria levá-la para casa, a fim de dormir junto das suas irmãs, deixando que o lago purificasse aquela mulher. Era um incômodo, mas era assim que devia ser feito. Em outros tempos, ele a teria deixado estendida na rua ou num parque, teria procurado em sua bolsa os absorventes internos ou os externos e os teria colocado em cima do cadáver para recordar àquelas vadias que não deviam se aproximar de um homem quando estivessem menstruadas.

O simples fato de pensar nisso causou um intenso formigamento em sua região genital. Mordeu com força a parte interior da bochecha ao mesmo tempo que a encarava de longe no espelho e, quando se sentiu preparado, voltou para perto dela.

